

MULHERES NO ACERVO: REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE EM ARTE CONTEMPORÂNEA.

AMANDA MACHADO MADRUGA¹
LÚCIA BERGAMASCHI COSTA WEYMAR²

¹ Universidade Federal de Pelotas – mdg.amanda@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – lucia.weymar@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é parte de pesquisa maior, em desenvolvimento, por ora denominada “Curadoria e Design de Identidade: processos de criação em exposições de arte contemporânea feministas”, de autoria da mestrande Amanda Madruga sob orientação da Profª Drª Lucia Weymar, e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

A investigação supracitada objetiva, principalmente, refletir sobre a relevância da inserção e da presença de mulheres artistas nos acervos das instituições museológicas e, consequentemente, nas exposições de arte contemporânea. O disparador deste estudo é o título do ensaio da professora e pesquisadora em artes Linda Nochlin (2016), originalmente publicado em 1971, “Porque não houve grandes mulheres artistas?”. Hipóteses como a desqualificação do trabalho feminino são levantadas por Nochlin, contudo a autora aponta como igualmente responsáveis os narradores da história, predominantemente escrita por homens; e isso significa dizer que há, sim, grandes artistas mulheres, porém, sem os devidos reconhecimentos considerando a ausência de registros que destaque suas atuações.

Michelle Perrot (2007) vem ao encontro da questão na obra “Minha história das mulheres” ao comparar o espaço público a um palco. Perrot entende que o espaço privado é destinado às mulheres junto aos afazeres domésticos e à maternidade. Deste modo, elas permanecem omissas diante da sociedade o que as torna invisíveis, assim como as obras por elas realizadas. Já o espaço público é dado aos homens cujas ações são por todos percebidas e, consequentemente, reconhecidas. Quando se realizam registros históricos são os feitos que estão ao alcance da visão que se tornam possíveis de eternizar junto a seus autores, que são homens. Além dos relatos, Perrot identifica uma escrita masculinizada o que infere às mulheres o duplo compromisso de tanto contar quanto registrar suas histórias.

Sendo assim, o presente resumo objetiva, especificamente, apresentar análise, em andamento, da presença de artistas mulheres no acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), realizada junto ao Laboratório de Curadoria do MALG, sob coordenação do diretor da instituição Prof. Lauer Alves Nunes dos Santos. Visa, ainda, registrar o processo de pesquisa nas coleções do MALG a partir do recorte de gênero uma vez que comprehende a relevância das escritas acadêmicas para a história das mulheres.

2. METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado é qualitativo e quantitativo. Inicialmente, a revisão bibliográfica é fundamental na contextualização do trabalho, sobretudo no que se refere à presença de artistas mulheres em acervos e exposições. Autoras como Linda Nochlin (2016) e Michelle Perrot (2007) auxiliam no embasamento

histórico assim como as reflexões de Daniela Kuhnert (2018) afirmam o espaço das mulheres na arte contemporânea. A seguir, a partir de levantamento realizado pela museóloga Joana Lizot, com base no inventário de 2017, identificamos os/as artistas das coleções do MALG e empregamos o recorte de gênero. Por fim, relacionamos as teorias consultadas com os dados elaborados buscando estabelecer novos conceitos e identificar a necessidade de ações pontuais a favor da visibilidade feminina no campo das artes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 1986 o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo é fundado em Pelotas e suas quatro primeiras coleções são originadas de doações feitas à Escola de Belas Artes, além de doação de obras de alunos e ex-alunos. Atualmente, com o aumento significativo de aquisições, o acervo da instituição é composto por sete coleções: Século XX, Século XXI, Escola de Belas Artes - EBA, Dr. João Gomes de Mello, Faustino Trápaga, L.C. Vinholes e a do próprio artista Leopoldo Gotuzzo.

Com o objetivo de compreender a atuação das artistas mulheres nesse cenário iniciamos uma análise a partir do recorte de gênero nas coleções do museu com a colaboração do seu núcleo acervístico. Até o momento foram investigadas as coleções Século XX, Século XXI e está em processo a análise da coleção Escola de Belas Artes. A primeira é constituída a partir de um recorte temporal das doações o que inclui obras recebidas entre 1986 e 2000. A segunda é formada, também, sob o critério do tempo considerando obras doadas a partir do ano 2001 o que se mantém em construção até os dias de hoje. A terceira é composta por obras de alunos e ex-alunos da Escola de Belas Artes e por uma narrativa histórica sobre a instituição promovida a partir de tais itens.

As coleções Século XX e Século XXI contam com produções de caráter modernista e/ou contemporâneo e não apresentam rigidez estilística ou temática. Ambas somam 138 diferentes artistas e, dentre eles, apenas 52 são artistas mulheres. Já a Coleção Escola de Belas Artes possui caráter histórico e temático; em seu abrigo identificamos a presença de 62 artistas mulheres dentre 78 profissionais. É importante pontuar que existem catorze obras na coleção EBA sem assinaturas legíveis as quais poderiam igualmente contar com autorias femininas.

Existem, ainda, quatro coleções a serem estudadas, mas os primeiros resultados já oferecem indícios sobre a relevância da inserção e da presença de artistas mulheres em acervos de museus e em exposições de arte contemporânea. Consideramos que a coleção EBA é um retrato do contexto educacional de Pelotas no qual mulheres têm acesso a escolas de artes e dele participamativamente com suas produções. Porém, nas coleções Século XX e Século XXI observamos que as assinaturas femininas estão em menor número. Onde estão, nas outras coleções, as mulheres artistas e os seus trabalhos que se apresentam maioria na coleção EBA, indicando uma grande presença feminina na educação artística da cidade?

Entendemos que alguns fatores influenciam na presença de mulheres artistas nas coleções Século XX e XXI do acervo do MALG. A coleção Século XX é composta por obras que foram doadas no período entre 1986 e 2000, porém as datas das obras em si variam, podendo ser anteriores ao período de doação. Esse aspecto é mais um reflexo do acesso dado a mulheres aos espaços públicos já que em fases iniciais as Escolas de Belas Artes eram resistentes à admissão de alunas mulheres (BARRETO, 2013). A época da fundação da EBA em Pelotas

(1949) favoreceu o acesso das artistas da cidade uma vez que o meio acadêmico se tornou mais permeável para elas nas últimas décadas do século XX.

A realidade analisada nas coleções temporais ainda pode ser alterada em função da abertura da coleção Século XXI, em constituição. Considerando, ainda, os conceitos de Nochlin (2016) e Perrot (2007) compreendemos a necessidade de um movimento consciente, a favor da equidade de gênero, e que promova ações para maior inserção de obras de artistas mulheres em museus como reconhecimento de suas produções.

4. CONCLUSÕES

Fatores como a desqualificação do trabalho de mulheres e a ausência das mesmas nos espaços públicos interferem no protagonismo e visibilidade femininos. Na mesma medida, os registros realizados por homens de seus próprios feitos potencializam uma realidade que não considera as realizações de mulheres. A pesquisa, em desenvolvimento, atua nesse cenário ao tentar desconstruir um conceito enraizado que entende o trabalho masculino como predominante. Ao analisarmos as primeiras coleções do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo identificamos momentos de intensa produção artística das artistas da Escola de Belas Artes, porém, não percebemos uma participação equivalente nos circuitos que promovem a inserção de obras em museus, por exemplo.

Compreendemos, assim, a necessidade de um olhar atento ao trabalho de mulheres que possibilite a equidade nos meios profissionais e acadêmicos. O presente texto é um modo de contribuir com alterações no campo da arte para que as obras de artistas mulheres, dentro do contexto dos museus, sejam afirmadas e apreciadas com a justa atenção. Além disso, reconhecemos como fundamental o registro das atuações das artistas pelotenses abrigadas no MALG para que seus lugares na história da cidade sejam preservados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Nayara Matos. Do nascimento de Vênus à arte feminista após 1968: um percurso histórico das representações visuais do corpo feminino. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**, Ouro Preto, Maio-Junho/ 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/do-nascimento-de-venus-a-arte-feminista-apos-1968-um-percurso-historico-das-representacoes-visuais-do-corpo-feminino>>. Acesso em: 13.01.2018.

KUHNERT, Duda. Nas Artes *in* HOLLANDA, Heloísa Buarque de et al (Org.). **Explosão Feminista**. Companhia das Letras. São Paulo, 2018, p.75-104.4

MALG (Org.). **Catálogo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo**. Pelotas: UFPel, 2017.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, 2016.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela Côrrea. Editora Contexto. São Paulo, 2007.